

SÃO JOSÉ: DOS CAMPOS RUINS AOS BONS ARES (1890-1940)**Suele França Costa, Carlos Eduardo de Quadro, Douglas de Almeida Silva, Prof.^a
Dr.^a Maria Aparecida Papali, Prof.^a Dr.^a Valéria Zanetti ¹**

Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos – Laboratório de Pesquisa e Documentação
Histórica – IP&D – Univap Av. Shishima Hifumi, nº 2911, Urbanova - CEP 12244-000 –
São José dos Campos – SP, suele_hbs@yahoo.com.br, papali@univap.br, vzanetti@univap.br.

Resumo- No início do século XX, a mentalidade proveniente da liberalização da economia atingiu o Brasil obrigando as cidades a buscarem meios para se adequar a essa nova exigência. São José dos Campos, cidade provinciana baseada na economia rural, também sentiu a necessidade de se modernizar. A dificuldade em buscar formas para se industrializar impôs ao município uma solução original, uma economia gerada pelo lucro advindo da tuberculose. Sua propagada fama de “bons ares” atraiu grande quantidade de doentes acometidos do peito que contribuíram para a dinamização econômica da cidade e para o processo de crescimento urbano. A agropecuária deixa de ser a atividade mais importante e a doença passa a ser o motor da economia local.

Palavras-chave: Fase sanatorial – São José dos Campos – Economia – Tuberculose.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

No final do século XIX, o Brasil passou por transformações impostas pela liberalização de sua economia levando ao surgimento de novas relações de trabalho. O próprio governo passou a incentivar melhoramentos urbanos ditados pela tendência de modernização.

Atingir o status de cidade moderna significava que a cidade deveria passar por uma mudança drástica em sua infra-estrutura de forma a atender melhor as demandas do capital, bem como passar por um processo de embelezamento, cumprindo as normas sanitárias higienizadoras e estimulando a chegada de novas formas de produção. Na questão econômica, cidade moderna era aquela que se voltava para a industrialização.

A cidade de São José dos Campos, ainda no final dos novecentos, passou por uma séria crise financeira devido à baixa produtividade proveniente da má qualidade de seu solo. Sua economia era praticamente baseada em sua parca produção cafeeira. Por isso mesmo a cidade era uma das menos influentes na região, perto de cidades como Jacareí e Taubaté, pujantes em sua produção de café.

Por conta dessa situação, parte da “população rural migrou para outras regiões em busca de seu sustento” (VIEIRA, 2009: 159). Além disso, a cidade não conseguia atrair o capital industrial. Por outro lado, sua fama de bom clima para recuperação da tuberculose passou a atrair doentes de várias partes do país, principalmente da cidade de São Paulo.

Pretende-se mostrar a recuperação e a dinamização da economia joseense em torno da

doença, ganhando mais força a partir do título de Estância Climatérica e Hidromineral.

Metodologia

Encontramos informações acerca da situação econômica de São José dos Campos no final do século XIX e início do século XX nos almanaques do início do século passado, nos jornais, nas atas da câmara do período e nos trabalhos acadêmicos tais como teses, bem como no material da coleção História e Cidade, lançada pela Univap em parceria com a Petrobrás.

Entrevistamos também algumas pessoas que chegaram à cidade para se recuperar, familiares de enfermos e pessoas que trabalhavam no comércio.

Observamos o aumento da entrada de capitais por meio de subsídios governamentais, decorrentes do status jurídico de Estância Climatérica e Hidromineral, e dos tuberculosos e de seus familiares que chegaram a São José para se recuperarem. Estes, para além da contribuição material, também exerceram funções nas mais diversas áreas de atuação.

Discussão

Os grandes estimuladores do desenvolvimento econômico foram os sanatórios, que legitimavam a fama de “bons ares” da cidade. Aliado aos sanatórios, as pensões se multiplicavam pela cidade, atraindo um grande número de doentes.

A construção civil foi bastante estimulada através das obras de infra-estrutura do município e

das construções sanatoriais. Zanetti observa que no relatório de inspeção sanitária de 1944, produzido por João Flório, a construção civil se encontra em primeiro lugar entre os setores mais dinâmicos da economia (Zanetti, 2008: 10).

Os sanatórios, ao receber os doentes, atraíam capital que eram investidos nos vários setores da sociedade gerando empregos, estimulando o comércio da alimentação, dos artigos de higiene pessoal, de roupas, de farmácias, de transporte, etc. Além disso, animavam os espaços de lazer e turismo com as festas, os bailes, o cinema, dentre outras atividades culturais (Quadro, 2010: 264-265).

No entanto, o escoamento de doentes para a cidade causou sérios problemas urbanos. José Benedicto Moreira, nascido em São José em 1929 nos conta que, na década de 20, as pessoas desembarcavam na estação (atual Rua Sebastião Gualberto) e eram levadas aos sanatórios e pensões à procura de vagas para o tratamento da tísica. Nessa época, muitas pessoas não conseguiam vagas em pensões, aumentando as fileiras de pessoas desprovidas na cidade (Moreira, 2010).

As pensões eram locais de negócios variados. Segundo Moreira, quando criança, ele e outros garotos entregavam os jogos do bicho aos cambistas que se instalavam nas pensões, muitos deles eram tuberculosos. O fornecimento de marmitas fornecidas pelas pensões também era uma atividade bastante lucrativa na época.

A cidade sanatorial foi movimentada pelas pensões sanatoriais, repúblicas e outros estabelecimentos que propunham acomodar os doentes. No entanto, as condições insalubres de algumas pensões causavam preocupação no poder público. Em 1921, o código sanitário havia ordenado o fechamento de alguns estabelecimentos do ramo. Entre eles o Hotel Rio Branco, a Pensão Central e o Sanatório Pensão. Porém, algumas pensões dispunham de relevância política e social não sendo afetadas pelas determinações do código sanitário (*Correio Joseense*, ano II, nº 45, 23 de janeiro de 1921).

O jornalista José Dias Leme havia relatado a saga de Belmiro Bueno, possível nome fictício de um pai de filha tuberculosa internada no Sanatório Samaritano. Nesse relato as pensões são alvo de críticas. Segundo ele, as donas de pensões eram interesseiras e ambiciosas, agenciavam os doentes terminais, negociando alojamentos com os responsáveis no transporte dos defuntos, que eram transportados pela janela do quarto ao necrotério, para não alarmar os demais hóspedes. (Leme, 1944: 90-91)

A tuberculose acelerou o aumento de óbitos na cidade. Zanetti observou que a morte trouxe vida à economia, pois atraiu investimentos e criou

empregos com a chegada de fábricas de mosaicos, produtos de cerâmica, e túmulos de mármore, além da cadeia de serviços que giravam em torno do serviço funerário (Zanetti, 2008: 60-61).

Para se ter uma idéia de como a indústria da morte movimentava as atividades de cerâmica, túmulos dentre outros serviços, analisamos 20 correspondências expedidas e recebidas pela Prefeitura Municipal apenas no mês de outubro de 1922, encontradas no Arquivo Público Municipal de São José dos Campos. Estas continham pedidos e autorizações para ereção de túmulos de mármore, pinturas, campas-jardineiras etc. Foram aproximadamente 60 sepulturas trabalhadas, com os recursos de personalidades da cidade como: Romeu Carnevalli, M. Tavolaro entre outros.

Medidas públicas foram tomadas para equacionar demandas da condição sanatorial entre elas a ampliação do cemitério municipal (*Correio Joseense*, ano, nº ed.196, 27 de janeiro de 1924); a isenção de impostos referentes a manufaturas e mão-de-obra por 10 anos para os estabelecimentos funerários (*Correio Joseense*, ano V, nº Ed. 208, 27/04/1924); a exclusividade da Santa Casa sobre o serviço funerário na cidade, com possibilidade de terceirizar parte dele, de forma que esta participasse dos lucros que vinham dos óbitos.

Era curiosa a disputa entre os comerciantes para monopolizar a rede de prestação de serviços, notadamente relacionados ao transporte de doentes vivos e mortos. Muitos comerciantes ganharam dinheiro com os carros funerários, principalmente depois que foi proibido o aluguel de transporte comum para corpos vitimados pela tuberculose, com destino ao cemitério municipal ou à estação (*Correio Joseense*, ano VIII, nº 279, 03 de fevereiro de 1927).

Um exemplo para ilustrar o aumento na utilização do serviço de transporte de cadáveres está na correspondência escrita por José Savastano, a pedido de sua mãe Cândida Augusta Savastano, destinada Prefeitura Municipal no dia 14 de março de 1919, encontrada no Arquivo Público de São José dos Campos. Cândida, que trabalhava no ramo pedia aumento, pois sua remuneração não era mais suficiente para o custeio das despesas e manutenção da carroçaria. O registro mais antigo de suas atividades no transporte de cadáveres é de 31 de março de 1911, em um relatório de pagamentos do tesoureiro municipal Benedito Fernandes Cesar Leite.

A indústria farmacêutica também enriqueceu muita gente. Aproveitando-se da situação, muitos charlatões produziam compostos. Remédios e licores milagrosos encontraram na indústria da tuberculose um viés para acumulação. Neste

contexto surgiram vacinas, tratamentos ineficazes e nocivos, tônicos e compostos à base dos mais diversos materiais, desde ervas a metais como ouro e cobre, além de sangue de animais. A superstição utilizada como meio de cura saiu dos costumes das populações carentes – sem informação e recursos que permitisse um tratamento médico especializado – e passou a compartilhar espaço com os medicamentos nas prateleiras das farmácias e com os anúncios dos jornais.

Uma vez que a indústria da tuberculose propiciou o aumento dos lucros pela venda desses compostos tal prática tornou-se comum e legal, provocando o descontentamento de muitos médicos tisiólogos, que viam no tratamento higiênico-dietético o melhor caminho para a cura dos micuins.

O mercado farmacêutico alternativo tinha como aliado o próprio Departamento de Saúde Pública, que consentia a livre comercialização dos compostos. Fica claro aí a “nova ordem econômica” que, segundo o Boletim Médico, tornava possível uma negociação entre a saúde pública e a indústria da doença, cujo poder e receita tenderam a um furtivo crescimento em detrimento da esperança e da saúde da população física (*Boletim Médico, ano I, nº 6, 1933, p. 1*).

Ainda no início da década de 1920 em São José dos Campos, antes da cidade se tornar estância climática para o tratamento da tuberculose, as farmácias já davam indícios de sua ascensão tanto em número de estabelecimentos como em importância e poder que exerciam no cenário político e econômico joseense. Em periódicos veiculados na época, é possível verificar o peso da economia farmacêutica joseense sobre as decisões do poder público municipal.

Como foi mencionado, a contribuição dos tísicos não se resumiu a circulação de capitais. As transformações pelas quais a cidade passou ao alojar uma considerável leva de população tuberculosa, impôs mudança na divisão de trabalho, em que os doentes participaram ativamente.

Rosemberg afirma que os que tinham profissões definidas

trabalhavam enquanto se tratavam (geralmente com pneumotórax) ou, conforme os recursos econômicos, instalavam seus próprios negócios: alfaiatarias, sapatarias, barbearias, lojas de armários, bares, etc. Alguns, intelectuais, movimentavam o jornalismo, montavam peças de teatro e, conforme os dotes artísticos, davam recitais pagos. Muitos deles constituíam família, casando-se com habitante local.

Alguns ingressavam na política, vários se elegeram vereadores e um chegou a prefeito da estância (Rosemberg, 1999: 20).

Conclusão

Após discutirmos e compararmos a transformação alavancada pela tuberculose na cidade, concluímos que a doença trouxe, junto com novos problemas que eram próprios da economia gerada em torno da doença, muitos benefícios para a cidade de São José dos Campos.

O projeto inicial de industrialização, que comportava a atração de capital e investimentos em comércio e serviços, não aconteceu da maneira planejada. Em específico, a modernização da estrutura, a dinamização e o crescimento da economia, acabaram acontecendo por conta da doença. O título de Estância Climática, possibilitado graças à considerável concentração de tuberculosos na cidade, aumentou a receita municipal. Os doentes contribuíram financeira e profissionalmente para o município, impulsionando a economia, atendendo as novas necessidades que surgiram estimuladas pela urbanização.

Tudo isto fez da fase sanatorial um período importante de transição de uma economia agrícola para uma economia industrial.

Referências

BERTOLLI, Cláudio. História Social da Tuberculose e do Tuberculoso: 1900-1950. História social da tuberculose e do tuberculoso:1900-1950. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2v. , 1993.

BONDESAN, Altino. São José em quatro tempos. São Paulo: Indústria Gráfica Bentivegna Editôra, 1967.

CUNHA, Eduardo Pinto da. Sobre passes e caixões: o papel da Liga de Assistência Social e Combate a Tuberculose na fase sanatorial em São José dos Campos. Trabalho de Conclusão de Curso de História. São José dos Campos: UNIVAP, 2007.

LEME, José Dias. *Ilha da Esperança*. Reportagem em torno de um hospital. Campinas, 1944.

NOGUEIRA, Oracy, Vozes de Campos do Jordão: Experiências Sociais e Psíquicas do Tuberculoso Pulmonar no Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

QUADRO, Carlos Eduardo de, et. ali. O espírito empreendedor: São José dos Campos vendendo saúde (1890-1940) In: Zanetti, Valéria (org.). Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença. Coleção São José dos Campos: História & Cidade. Volume IV, São José dos Campos: Univap, 2010.

ROSEMBERG, José. Tuberculose: Aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação. Boletim de Pneumologia Sanitária Vol. 7, Nº 2 – jul/dez – 1999.

VIANNA, Paula Vilhena Carnevale. Saúde e cidade: uma relação inscrita no espaço e no tempo; a fase sanatorial de São José dos Campos (SP) e sua influência sobre os serviços de saúde da década de 1980. Tese (Doutorado em Ciências). Unversidade de São Paulo, 2004.

VIEIRA, Solange, et. ali. São José dos Campos e o novo modelo de cidade (1900-1930). In: Papali, Maria Aparecida (org.). Câmara Municipal de São José dos Campos: Cidade e Poder. Coleção São José dos Campos: História & Cidade. Volume II, São José dos Campos: Univap, 2009.

ZANETTI, Valéria. Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica-SP, 2008.

Depoimentos Oraís

MOREIRA, José Benedicto, (Acervo de depoimentos orais – Laboratório de História Oral – Univap), 2010

Fontes Impressas

ALMANACH DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS PARA 1922. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

BOLETIM MÉDICO, 1933 – 1934. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

FLÓRIO, João. Relatório de Inspeção Preliminar do Município e Estância Hidromineral e climatética de São José dos Campos. Departamento de Saúde Pública do Estado de São Paulo. Divisão do Serviço do Interior. Agosto, 1944.

JORNAL CORREIO JOSEENSE, anno II, nº Ed.45, 23 de janeiro de 1921. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

JORNAL CORREIO JOSEENSE, anno III, Nº 140, 3 de dezembro de 1922. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

CORREIO JOSEENSE, ano V, nº Ed. 208, 27 de abril de 1924. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

CORREIO JOSEENSE, ano, nº ed.196, 27 de janeiro de 1924. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

CORREIO JOSEENSE, ano VIII, nº 279, 03 de fevereiro de 1927. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.